

A CÚPULA

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

O famoso discurso pronunciado por Kruschew no Vigésimo Congresso do Partido, em fevereiro de 1956, marca um ponto de inflexão na história dos choques entre a Rússia e o Ocidente. Até então predominava, no instrumento da ação comunista, a ideologia inspirada pelo desnível das classes sociais; agora predominará a técnica do prestígio, a publicidade dos resultados russos, como exemplar terapêutica para o desnível das nações. Já não se dirige aos pobres, aos homens desfalcados, aos proletários injustiçados, a mensagem soviética; dirige-se às nações sub-desenvolvidas. O problema propriamente humano e super-nacional foi superado; a ação dos militantes espalhados no mundo nas diversas organizações do Partido pode agora sofrer o impacto de um discurso, que a muitos pareceu incompreensível e intolerável, porque a nova orientação conta com a ressonância dos ressentimentos nacionais e até preferir que esse fenômeno se processe à margem das influências doutrinárias. Poderemos talvez dizer que o discurso de Kruschew, que produziu tantas apostasias nas organizações partidárias estrangeiras, como se viu no caso do romancista americano Howard Fast, foi feito precisamente para diminuir, diante do mundo, a importância da ideologia e dessas organizações partidárias, em favor de uma ação indireta sobre os ressentimentos nacionais.

Como tão bem assinala Toynebee (O Mundo e o Ocidente), a Rússia veio procurando, desde Pedro o Grande, acertar o passo com o agressivo mundo ocidental na corrida tecnológica. "Mas nem todas as ferramentas são de ordem material; há, também, ferramentas espirituais — e estas são as mais poderosas que o homem já construiu. Um credo, por exemplo, pode ser uma ferramenta; e no novo round da competição entre a Rússia e o Ocidente, iniciado em 1917, os russos lançaram (...) na balança um credo que pesava tanto, diante das ferramentas materiais de seus competidores ocidentais, como, na história romana do resgate de Roma aos gauleses, a espada lançada por Breno pesava diante do ouro romano". (O Mundo e o Ocidente, trad. Breno Silveira, Cia. Editora Nacional, pág. 22). E o mesmo autor salienta o fato de ser de origem ocidental essa arma, esse instrumento espiritual, com que a Rússia responde ao Ocidente.

Diremos nós agora que a Rússia, a partir do discurso de Kruschew, e sobretudo a partir do sensacional lançamento do Sputnik, responde ao mundo ocidental com um novo credo, com uma nova arma espiritual que é o principal, o específico produto da moral burguesa e da civilização liberal: o prestígio. Diante da constelação das apagadas estrelas que são as nações sub-desenvolvidas, a Rússia aparece como uma nova, como uma cintilante estrela que realizou aquilo que todas desejam realizar. Aparece como um povo bem sucedido, como uma "self-made" nação. Essa é a nova pregação, que relega para o segundo plano a ideologia e que coloca os problemas nacionais acima dos valores humanos.

E' flagrante a contradição que existe entre a técnica da exibição cultural e a pregação dos fundadores do credo comunista. Formulando o libelo contra a ordem capitalista, Karl Marx não desconhecia os maravilhosos progressos técnicos e científicos do mundo ocidental nos meados do século XIX, e saberá certamente responder, em termos de valores humanos, a quem lhe viesse fazer a apologia do capitalismo em termos de progresso técnico ou científico. O credo comunista teve a sedutora audácia de combater uma ordem cultural extraordinariamente bem sucedida. Embora fosse anti-humana na sua estrutura materialista, a pregação de Marx conservava o sabor da mo-

tivação humanista, e daí vinha sua força contra o mundo que se desumanizava pela injustiça e pela omissão da burguesia farisaicamente católica. Agora, os simpatizantes menos inteligentes, ou menos bem informados, vêm nos Sputniks a cabal demonstração da bondade intrínseca dos métodos soviéticos, sem ponderarem que esse argumento bastaria para reduzir a nada todo o libelo de Marx e todas as reivindicações comunistas. O fato é que, julgando o sucesso dos povos pelos resultados de cúpula, o primeiro prêmio de progresso ainda está nas mãos dos herdeiros da sociedade liberal capitalista. E se o cristão de razoável formação doutrinária continua a dizer que a sociedade liberal capitalista foi uma experiência histórica destorcida até a monstruosidade, é justamente por colocar os valores humanos acima da eletricidade e do vapor que ele persiste nessa posição. Os comunistas e simpatizantes de hoje, exceptuando aqueles cujo cabedal de inteligência ou de informação não obrigue a uma revisão de valores, estão forçados a uma opção. Ou renegam a simpatia, ou abrem mão dos valores de base para melhor apreciarem os valores de cúpula. Foi certamente avultado o número de pessoas inteligentes que deixaram o partido depois do famoso discurso de Kruschew, mas isto não traz o menor abalo ao bloco soviético porque, como já disse acima, é com a ressonância de ressentimentos dos países subdesenvolvidos que a Rússia hoje conta, e não com a catequese doutrinária.

Ainda mais chocante é a contradição que se observa entre o antinacionalismo e de ontem e o nacionalismo que hoje os simpatizantes comunistas incentivam nos países sub-desenvolvidos. Lenine dizia que "só o clero e a burguesia podia falar em cultura nacional. Os trabalhadores só devem falar em cultura internacional". Sob pretexto de internacionalização, mas na verdade servindo o mais monstruoso nacionalismo que já existiu, a Rússia soviética se empenhou a fundo na tarefa de russificação ou de destruição das nacionalidades diversas que integravam o bloco. As línguas nacionais foram proibidas e substituídas pela russa. Os heróis nacionais, inclusive aqueles que mais ardorosamente haviam combatido o regime do tzar, foram eliminados em grandes expurgos, sobretudo na década de 1930 a 1940. Stalin dizia que a aspiração à independência das Georgias, das Armênia, etc. eram disfarses de submissão a grupos imperialistas e portanto profundamente contra-revolucionária. Nunca, em época alguma da história, houve tão grande e tão implacável destruição de nacionalidades em favor de um bloco que se apresentava como arauto do internacionalismo, e que assim realizava os mais inorgânico e mecânico bloco nacional que já existiu.

Mas nada disto importa assinalar. Está lançada a nova fórmula que corresponde a uma terrível realidade mundial: o desnível econômico e cultural das nações. Consultando os gráficos que exprimem a relação entre renda nacional, consumo de energia, ou número de telefones e a população de diversos países, salta aos olhos a gritante desigualdade.

A renda anual média de um americano do norte é doze vezes maior do que a de um brasileiro, e vinte e duas vezes maior do que a de um boliviano. A quantidade de energia consumida por um brasileiro, em média, é cerca de quinze vezes menor do que a consumida por um americano do norte. Esses contrastes são certamente muito menores do que os que se observam entre as classes do mesmo país. A relação entre a renda anual dum Galdeano ou de um Pignatari e a de um professor catedrático da

Universidade é muito maior, cem vezes maior, do que a relação entre o americano médio e o brasileiro médio. Mas esse tipo de injustiça parece que não tem hoje o mesmo interesse que tinha anos atrás. Também não se pondera se este ou aquele atraso nacional pode ser imputado aos próprios dirigentes. O que interessa, no momento, ao bloco soviético, é mostrar o fato bruto, o desnível, o superdesenvolvimento ao lado do subdesenvolvimento, despido ambos de qualquer explicação histórica ou política. O que interessa é também mostrar aos povos subdesenvolvidos, o crescente desenvolvimento da cúpula soviética, qualquer que seja a sua explicação humana.

O leitor há de ter observado que já usei o vocábulo "cúpula" mais de três vezes neste pequeno estudo, e que até o escolhi para título. Na verdade foram os líderes soviéticos que, consciente ou inconscientemente, o escolheram para designar a nova etapa de expansionismo russo. Antigamente, nos bons tempos da ideologia, nos ótimos tempos em que os bravos comunistas se preocupavam com a sorte dos proletários, a palavra "base", indicativa da multidão, ou da massa, como eles gostavam de dizer, era a nota tônica da pregação. Tudo tinha de partir das bases, e quem dissesse o contrário revelava logo sua insuportável morrinha fascista. Agora, a palavra tônica mudou. E' "cúpula". Foi usada como imagem, aliás infeliz, no convite que Kruschew formulou: conferência de cúpula. E logo o mundo inteiro adotou a ridícula designação. E por que? Porque corresponde a um estado de espírito coletivo; e é esse estado de espírito coletivo; e é esse estado de espírito que a União Soviética está explorando contra o ocidente, e mais particularmente contra os Estados Unidos, com as próprias armas inventadas no ocidente, e particularmente nos Estados Unidos. A Rússia soviética está usando, com grande sucesso, o pior dos instrumentos espirituais produzidos pela cultura ocidental, e mais especialmente pelos Estados Unidos: a propaganda do prestígio ou o prestígio da propaganda. Em outras palavras, estamos vivendo um momento histórico de valorização das superestruturas em detrimento das categorias humanas; e é por isso que os Estados Unidos e a Rússia se empenham numa estúpida competição interplanetária, e disputam a hegemonia lunar, enquanto cá em baixo, em baixo da cúpulasinha de nossa fabricação, setenta por cento nacional, continua o professor universitário a ganhar mil vezes menos do que um Galdeano, e continua a morrer pelo crediário um povo que não chegou a gozar os mais elementares proveitos da gloriosa civilização moderna.